

UMA RESPOSTA

TENHO a impressão de que a melhor maneira de espantar leitor é escrever sobre a falta d'água. O leitor carioca está enjoado, há séculos, de ler reclamações; e a experiência lhe diz que essas reclamações não adiantam nada. Pois que o leitor se espante e se enjoe: sou obrigado a tocar no assunto, e o faço menos como jornalista que como comerciário. (Os jornalistas, no Brasil, são comerciários).

Meu assunto, aliás, não é bem a falta d'água. É a falta de consciência de um funcionário, cujo nome ignoro, do Departamento de Águas da Prefeitura. O diretor do Hospital dos Comerciários de Ipanema telefonou pessoalmente ao tal Departamento apelando para que mandassem água para o Hospital, que está com 280 doentes. A resposta foi a seguinte: «peça água à imprensa!». Motivo: o homem do Departamento estava melindrado porque haviam saído notas nos jornais reclamando contra a falta d'água no Hospital.

São assim esses pequenos reis de nossa burocracia, cheios de melindres. Para fazer valer sua importância, para mostrar que manda, que não tem medo dos jornais, esse funcionário nega-se a dar água a um hospital. Não lhe importa que operações tenham de ser adiadas, que pobres doentes sofram em seus leitos; o que importa é «dar uma boa resposta», é fazer sua bravata, bancar o machão. «O senhor não reclamou aos jornais? Então vá pedir água aos jornais!». Com que alegria deve ter deitado o fone, como deve ter se sentido superior, como se terá pavoneado junto aos outros funcionários com sua resposta «batata!». Deve ser afirmando, impando: «comigo é assim!».

O prefeito Negrão de Lima tem se cansado de dar explicações sobre a falta d'água e não há um habitante da Zona Sul que não saiba da história do túnel que estão terminando e no qual virá a tubulação, etc., etc. Ele poderia fazer um gesto para que o Departamento de Águas, já que ainda não pode fornecer água, pelo menos não forneça patadas. Deveria mandar investigar quem foi que deu a resposta «formidável» e tomar uma providência capaz de fazer esse funcionário compreender que ele não é um dono da cidade, é um servidor da cidade, e ganha para isso; que um hospital deve ter prioridade absoluta na distribuição de água, e que o dever dele é assegurar essa prioridade e não dar respostas «viris» pelo telefone a um diretor de hospital.

Esperemos que o prefeito tome uma atitude rápida; mas antes de dar a lição merecida a esse cretino que compromete sua administração, mande dar água ao hospital. Atender aos doentes é o que importa em primeiro lugar; depois é tratar do caso desse vaidoso, desse melindroso reininho da falta d'água.